

## drogas-nocautе 2<sup>1</sup>

*edson passetti & acácio augusto*

### **Cena 1: Perspectiva**

Salete:

O controle das drogas é fundamental para a saúde da população.

Flávia:

O uso de substâncias que alteram a percepção e a conduta de um indivíduo tem uma implicação coletiva que deve ser conhecida, regulada e utilizada.

Salete:

De fato, as pesquisas científicas recentes aproximam o funcionamento do cérebro ao vício.

*Edson Passetti é coordenador do Nu-Sol e do Projeto Temático FAPESP Ecopolítica; professor livre-docente no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: passetti@matrix.com.br. Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e professor no curso de Relações Internacionais da FASM (Faculdade Santa Marcelina). Contato: estadoalterado@yahoo.com.br.*

Acácio:

O investimento moderno da ciência sempre esteve direcionado para extrair uma positividade dessa relação e dar utilidade ao uso de drogas.

Gus:

Hoje em dia os cientistas associam o vício aos efeitos produtivos das drogas.

Sofia:

A dopamina, substância responsável pela ativação da sensação de prazer no cérebro é também responsável por intensificar a retenção de informações na memória.

Acácio:

O que é vício? Você responderá que é uma conduta condenável moralmente, mas diante das constatações mais recentes da ciência, o vício, mais uma vez, se transformará em virtude.

Sofia:

Vício é virtude, quando o que se convencionou chamar de droga vira medicamento.

Acácio:

Com uma diferença, agora não é mais para a cura. É para intensificar produtividades.

Sofia:

Vale a pena dopar-se para produzir mais, na empresa, na universidade, nos laboratórios, nos institutos, enfim, o castigo permanece para quem desafia a conformação da moral.

Salete:

Estamos num tempo em que há mais dopados do que drogados.

Gus:

Estamos num eterno retorno do que, num momento é vício, e em outro, virtude, cura, utilidade, lucro, prazer mo-

derado... E um tantão de coisas que muda para conservar o conformismo.

Leandro:

Nunca vivemos, como hoje em dia, sob tantas regulamentações de condutas condenáveis e prescrições para a boa conduta.

Judson:

Eu só sei uma coisa, em todas as culturas há evidências de usos de substâncias que levam a estados alterados. Experimenta-se para lidar com o sobrenatural e o real, a partir do que a natureza oferece.

Flávia:

Somos curiosos.

Acácio:

Olha-se para o mundo a partir de um ponto de vista. O mundo não é uma explicação a partir do enunciado socrático “conhece-te a ti mesmo”. O mundo existe a partir de perspectivas e não enquanto vontade e representação.

Salete:

O mundo existe antes e depois da filosofia. Está além e aquém das explicações, prescrições, conservações e representações.

Sofia:

Até mesmo o que chamam de mundo não deve ser visto a partir da Terra, da eloquência da razão, dos efeitos do monoteísmo ou do paganismo...

Gus:

A vida acontece quando provoca transformações. E cada um pode atizar transformações em si, em volta de si, contra si e contra todos.

Sofia:

A vida é muito mais do que o fato biológico.

Salete:

Só para falar de uma cultura que nos inventou, a dos gregos, antes de pretenderem criar uma verdade que convencesse a todos,

Leandro:

argumentando que era uma verdade desinteressada, por não pertencer a um grupo específico, mas destinada à humanidade,

Salete:

pronunciavam verdades a partir de uma perspectiva que não desconhecia o combate entre as verdades. Não pretendiam, ainda, serem os donos do mundo. Cuidavam de si e inventavam maneiras livres de existir.

Judson:

Mas, minha cara, havia escravos, era uma existência aristocrática...

Salete:

Mas, meu caro, isso é ciência da história... O que eu disse é que os livres se libertaram do monarca; o que estou dizendo é que precisamos inventar uma vida liberada dos monarcas, tenham eles o nome de rei, povo, lei, pai, ser superior, humano ou demasiado humano.

Judson:

Não ser escravo dos outros, nem escravo de si mesmo!

Gus:

Os gregos cuidavam do corpo e da mente no *gymnasio*, no banquete, nas guerras, nas convivências, nos cuidados com a cidade, e provavam da natureza sabores surpreendentes. Acabaram experimentando o trágico.

Acácio:

Se você quiser chamar isso de saúde, eu compreenderei, da mesma maneira que entendo a encenação grega em Roma e o surgimento das perversões, das depravações.

Judson:

Note, meu caro, que agora a tal da verdade desinteressada encontra o território fértil para justificar prisões, proibições, corrupções, tiranias, e a *desinteressada* busca pelo melhor governo. Criaram o drama.

Flávia:

Idade das trevas anunciada, ora como saída da caverna platônica, ora como Idade Média, para o equilíbrio e a sobriedade do Renascimento e do Iluminismo.

Lili:

Que porra de aula de geografia é essa?!

Judson:

Inconformados, alquimistas e feiticeiras abalavam o verdadeiro e o falso nos mostrando, mais uma vez, a diversidade em conhecer.

Sofia:

As feiticeiras curavam e prognosticavam com suas poções, a partir do passado o que seria o presente imediato. Os alquimistas buscavam pelo *phármakon*, a partir do presente, a vida eterna.

Mayara:

Os historiadores remontavam o passado para justificar o presente e o futuro. Os filósofos arriscavam justificar o presente e anunciar o futuro. A grande guerra contra os deuses se transformou em guerra permanente entre os homens.

Salete:

E agora você perguntará: com quem estava a verdade?

Acácio:

Qual o uso das drogas?

Judson:

O que é droga?

Flávia:

Quanto nisso tudo não houve uma droga de vida?

Leandro:

Quanto de droga não está com quem comanda?

Acácio:

O que estamos fazendo de nós mesmos?

Gus:

O que fizemos de nós mesmos?

Sofia e Flávia:

“As pessoas inteligentes e *desinteressadas* poderiam perguntar-se: uma vez que as leis penais se mostram impotentes, por que não tentar, mesmo que a título de experiência,

Todos:

o método anarquista?”<sup>2</sup>.

## Cena 2: Pó de pirlimpimpim

Lili:

“Não é fácil lidar com o pó de *pirlimpimpim*. Deu uma pitada a cada um, e mandou que o cheirassem. Todos o cheiraram — sem espirrar, porque não era rapé. Só Emília espirrou. A boneca espirrava com qualquer pó que fosse desde o dia em que viu tia Nastácia tomar rapé. Assim que cheiraram o pó de *pirlimpimpim*, que é o pó mais mágico que as fadas inventaram, sentiram-se leves como plumas, e tontos, com uma zoeira nos ouvidos. As árvores começaram a girar-lhes como dançarinas de saiote de folhas e depois foram se apagando. Parecia sonho”<sup>3</sup>.

### Cena 3: Crack

Gus:

“Eu devia para o cara (...). Você tem que zerar a conta. Ou paga direto com a vida. Dez anos no craque. Já fiz cinco tratamentos. Minha mãe reza e chora. Se descabela, a infeliz. De joelho me pede. Lá vou eu para clínica. Fico numa boa. Mas dou umas recaídas (...). Se você pára a fissura te pega (...). O craque. Você não consegue largar. É diferente porque ele você ama. Só dez segundinhos porra. Te bate no pulmão. O bruto soco na cabeça. E o mágico *tuimmm!* A gente que fuma tá sempre ligado. Você fica o tal. Com uma força maior. Olho de vidro, o polegar chamuscado (...). Daí o Buba veio com essa pressão na minha cabeça (...). O traficante você conhece logo. Tem sangue no olho. Sou pilantra. Mas não sou do crime. Veja, tirei cursinho e tudo. Com ofício e registro na carteira. Mais de uma firma importante. Essa foi a última roubada que eu entrei fundo. Juro por meu Jesus Cristinho (...). O Buba meteu a peça de guerra na minha mão. E passou a fita:

Judson:

Seguinte o lance, mano. Esse aí vai pagar é com a vida. Certo, soldado? (...).

Gus:

E boto a arma pro safado:

— A ordem veio do comando. Vamo até ali que a gente acerta.

Sabe o que fez o merdinha? Encarou feio, sem piscar. Tive que dar nele (...). Uai, nem raspou, de levinho, a única bala. Daí me apavorei. Tô fora (...). Nem eu acredito. Desta vez era outra voz (...).

— Cê tá livre. Tá limpo com a zona! (...). Foi a mãe. Zerou direto a dívida com o Buba. Agora, vida nova. Ei, você aí, ó cara? Tem um craquinho aí?.”<sup>4</sup>Tuuiiiiiimmmmm!!!

Todos:

Tuuiiiiiimmmmm!!!

## Cena 4: Ayuasca

Acácio:

“Imediatamente depois da cerimônia de posse, Roosevelt apareceu na sacada da Casa Branca usando vestes cor de púrpura dos imperadores romanos (...), cuinchou para convocar os integrantes de seu gabinete e determinar a posição que cada um deles ocuparia.

Sofia:

Os membros do gabinete chegaram apressados, grunhindo e cuinchando como porcos que eram.

Gus:

Uma bicha velha conhecida pela polícia do Brooklyn como ‘Ana Punheta’ foi nomeada para Chefe de Estado Maior, de modo que os oficiais mais jovens do departamento foram sujeitados a indignidades impronunciáveis nos banheiros do Pentágono (...).

Judson:

Uma travesti gostosona recebeu o posto de bibliotecária do Congresso. Imediatamente mandou barrar o sexo masculino das premissas —

Flávia:

um professor de filologia de renome mundial saiu com o maxilar quebrado por um sapatão brutamontes quando tentou entrar na biblioteca. A biblioteca virou local de orgias lésbicas, que ela chamou de Rituais das Virgens Vestais (...).

Lili:

O ‘Magrinho do Metrô’, um trombadinha, assumiu o cargo de Subsecretário de Estado e chefe do cerimonial e causou ruptura diplomática com a Inglaterra quando o embaixador inglês ‘deu em cima dele’(...).



Acácio:

Esse é um termo de trombadinha para dizer que o assaltado ficou de pau duro quando seus bolsos estavam sendo vasculhados (...).

Leandro:

Lonnie, o Cafetão tornou-se embaixador geral e saiu em viagem junto com 50 ‘secretários’ para exercer sua função execrável.

Flávia:

Uma *drag queen*, conhecida como ‘Eddie a Dama’, encabeçou a Comissão de Energia Nuclear e convocou os físicos para um coral masculino que se apresentava como “Os Garotos Atômicos”.

Sofia:

Em resumo, homens que tinham ficado de cabelos brancos e perdido os dentes no cumprimento do serviço leal a seu país foram demitidos, sumariamente nos termos mais depravados possíveis — como:

Leandro:

‘Está despedido, seu velho fodido’.

Lili:

‘Tira essa bunda preguiçosa daqui agora mesmo’.

Sofia:

(...) Arruaceiros e desqualificados do mais desprezível calibre tomaram conta dos cargos mais altos (...).

Mayara:

Secretário do tesouro: ‘Mike Tabáina’, um viciado em heroína das antigas.

Lili:

Diretor do FBI: um empregado de uma sauna turca especializado em massagens nada éticas (...).

Leandro:

Secretário da Agricultura: 'Luke Bagre', um garoto de rua de Bucetavillem no Alabama, que passara 20 anos bêbado de tintura de ópio e extrato de limão.

Gus:

Ministro para o Reino Unido: 'Wilson Banha', que conseguiu seu dinheiro para comprar barbitúricos fazendo chantagem com pessoas que tinham fetiche por pés e andavam em lojas de calçados.

Acácio:

Chefe dos Serviços de Correio: 'Moleque Pó de Ópio', (...) trapaceiro das favelas. Atualmente trabalha em uma rotina chamada 'Tirando do olho' — planta-se uma catarata falsa no olho do selvagem...

Salete:

Selvagem é como os trapaceiros dizem trouxa (...).

Lili:

Quando a Suprema Corte barrou algumas das legislações perpetradas por essa corja, Roosevelt forçou os integrantes do augusto tribunal, um por um, sob a ameaça de rebaixamento imediato ao posto de Atendente de Banheiro Congressional, a manter relações com um babuíno de bunda roxa, de modo que homens veneráveis e honrados se submeteram aos carinhos de um símio lascivo e rosento,

Sofia:

enquanto Roosevelt e sua esposa biscate e o puxa-saco veterano Harry Hopkins, fumando um cachimbo coletivo de haxixe, assistiam à cena lamentável com arroubos de gargalhadas obscenas.

Flávia:

O ministro Blackstrap sucumbiu diante de uma hemorragia retal ali mesmo, mas Roosevelt só riu e disse, bem grosseiro:

Mayara:

Tem muito mais no lugar de onde isso aí veio.

Sofia:

Hopkins, incapaz de se controlar, rolou no chão em convulsões sicofânticas, repetindo sem parar:

Leandro:

Você está me matando chefe, você está me matando (...).

Mayara:

A melhor coisa para a indisposição é um pau de babuíno no cu. Certo Harry?

Leandro:

Certo, chefe. Eu não uso outra coisa (...).

Acácio:

Roosevelt então indicou o babuíno para substituir o ministro Blackstrap, 'adoentado'.

Gus:

Então, dali em diante, os processos da Corte Suprema passaram a ser conduzidos com um símio aos berros que cagava e mijava e se masturbava em cima da mesa e que, com boa frequência, pulava em cima de algum dos ministros e o deixava em frangalhos.

Lili:

As vagas assim criadas eram invariavelmente preenchidas por símios, de modo que, com o passar do tempo, a Suprema Corte veio a ser constituída por 9 babuínos de bunda roxa;

Sofia:

e Roosevelt, alegando ser o único capaz de interpretar suas decisões, assim ficou com o controle do mais alto tribunal do país.

Leandro:

(...) E finalmente, [eu mandei] colocar uma escavadeira mecânica nos andares, de modo que os legisladores mais obstinados eram enterrados vivos (...).

Sofia:

Os sobreviventes tentaram dar continuidade a seu trabalho na rua, mas foram presos por vadiagem e mandados para o reformatório como mendigos comuns (...).

Acácio:

Então Roosevelt entregou-se a uma conduta tão vil e desenfreada que dá vergonha até de falar.

Sofia:

Institui uma série de concursos com o intuito de promulgar os atos e instintos mais baixos de que a espécie humana é capaz.

Lili:

Houve o Concurso do Ato mais Ofensivo, o Concurso do Truque mais Baixo, A Semana do Abuso Sexual Infantil, a Semana de Entregar seu Melhor Amigo — dedos-duros profissionais não podiam se inscrever.

Sofia:

Exemplos de inscritos: o drogado que roubou um supositório de ópio da bunda da avó;

Lili:

o capitão do navio que vestiu roupas de mulher e correu para o primeiro bote salva-vidas (...).

Flávia:

Aliás, Roosevelt fora acometido de ódio tal pela espécie que desejava degradá-la a ponto de não mais ser reconhecida<sup>75</sup>.

**Cena 4: Cocaína**

Saete e Gus:  
No motel.

Gus:  
“Alex, Marquinhos, a Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens e a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, entraram na suíte Escort do Motel Le Petit Palais.

Leandro:  
Alex tirou a roupa e mostrou o seu pau duro (...). A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens exclamou:

Lili:  
Nossa!

Gus:  
A Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, riu.

Mayara:  
A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens segurou o pau de Alex.

Lili:  
Alex lambeu a orelha da Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens.

Gus:  
Marquinhos tirou um saquinho de cocaína do bolso. A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens exclamou:

Lili:  
Oba!

Leandro:

Alex tirou a blusa jovem da Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens.

Gus:

A Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, apertou um interruptor e as luzes estroboscópicas da suíte Escort do Motel Le Petit Palais se acenderam. A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens tirou a calça jovem, a calcinha jovem e o sutiã jovem.

Leandro:

Marquinhos se ajoelhou no chão espelhado da suíte Escort do Motel Le Petit Palais e desenhou um pênis usando a cocaína.

Gus:

A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens, Alex e a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, riram.

Lili:

Alex lambeu a língua da Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens.

Gus:

A Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, fez um strip-tease sob as luzes estroboscópicas da suíte Escort do Motel Le Petit Palais.

Leandro:

Marquinhos cheirou um dos escrotos do pênis de cocaína desenhado no chão espelhado da suíte Escort do Motel Le Petit Palais e tirou a roupa.

Gus:

Alex agarrou a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, por trás e esfregou seu pau duro na bunda dela (...).

Gus:

A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens cheirou o outro escroto do pênis de cocaína desenhado no chão espelhado da suíte Escort do Motel Le Petit Palais e exclamou:

Lili:

Iurrúúú!

Leandro:

Marquinhos agarrou a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, pela frente e esfregou seu pau duro nas coxas dela.

Gus:

Enquanto Alex esfregava seu pau duro na bunda dela (...).

Lili:

A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens agarrou Marquinhos, por trás, e esfregou sua boceta na bunda dele (...).

Gus:

As caixas de som, no teto da suíte Escort do Motel Le Petit Palais, emitiam a música (...)”<sup>6</sup>.

## **Cena 5: Morfina e tabaco**

Gus:

“Haverá ainda pequenos bares vagabundos  
Com carnes de Extremo-Oriente  
Para abrigar o ano novo.

Judson:

Pequenos bares com marinheiros lendários  
Cujos cachimbos consumirão antigos venenos

Leandro:

Bares leves inflados de fumaça  
Pequenos bares evanescentes à claridade da aurora.

Judson:

Bares onde o sol e seu trajeto brilham  
Na profunda laca avermelhada das taças;

Salete:

Bares repletos da animação das mesas, e vidraças mortas  
Onde estudantes não meterão o nariz.

Judson:

Pois haverá outros venenos a corroer  
A Árvore Viva de nossas fibras prestes a eclodir,

Sofia:

Há vinhos não secretados por vinhas terrestres  
tão violentos quanto catástrofes.

Judson:

Salve, ó bar que nos fornece venenos  
E misérias, e dores e sustos

Flávia:

Lançando-nos na nudez de nossas almas  
Em cais inacessíveis aos tormentos.

Judson:

Um silêncio te guarda e nos protege  
Silêncio onde não vem se perder a medicina,

Lili:

Um silêncio que nos cura na morfina  
Sem receitas, nem decretos”<sup>7</sup>.

Judson:

“Acendo um cigarro ao pensar em escrev[er]



Mayara:

E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.

Judson:

Sigo o fumo como uma rota própria,

Gus:

E gozo, num momento sensitivo e competente,

Judson:

A libertação de todas as especulações

Sofia:

E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto”<sup>8</sup>.

## Cena 6: Heroína

Acácio:

“Charlie Parker tocava pra caralho e sabia disso. Ele deveria estar muito feliz, afinal ganhava a vida fazendo o que gostava, tinha uma mulher bonita, inteligente e carinhosa, além de ser o melhor de todos — o Bird. Todo mundo amava o Bird. Mas, não (...). Charlie Parker queria algo, um troço além dos sentidos, além da própria vida. E todo dia Charlie Parker acordava já pensando em algo. E o modo mais simples de esquecer algo era fumando um cigarro (...). Charlie Parker bebia álcool e, quando ficava bêbado, era como se algo estivesse com ele. Mas para eliminar mesmo a ânsia por algo, nem que fosse, por algumas horas, Charlie Parker se picava com heroína (...). Charlie Parker achava que Dizzy [Gillespie] tinha algo e, por isso, Dizzy não precisava beber, nem fumar, nem se picar com heroína (...). A música bastava para Dizzy (...). Charlie Parker parou de fumar, de beber, de se picar, e desceu ao inferno. E no inferno da abstinência não havia algo, nem música (...). Até que um dia desses, por aí, Charlie Parker, abstinência, coitado, não aguentou, fumou um cigarro,

encheu a cara, se picou e tocou pra caralho (...). Charlie Parker voltou a ser o Bird de sempre, fumando, bebendo, se picando, ouvindo elogios, sendo bem cuidado pela sua mulher bonita, inteligente e carinhosa, morrendo, tocando pra caralho, naquela angústia, sentindo falta de algo”<sup>9</sup>.

## Cena 7: Cultura

Sofia:

“Frustra-me que se examine sempre o problema das drogas exclusivamente em termos de liberdade ou de proibição. Eu penso que as drogas deveriam tornar-se elemento de nossa cultura (...). Devemos estudar as drogas. Devemos experimentar as drogas. Devemos fabricar boas drogas — suscetíveis de produzir um prazer muito intenso (...). As drogas já fazem parte da nossa cultura. Da mesma forma que há boa música e má música, há boas e más drogas. E, então, da mesma forma que não podemos dizer somos ‘contra’ a música, não podemos dizer que somos ‘contra’ as drogas”<sup>10</sup>.

Salete:

“Gosto dos venenos mais lentos, das bebidas mais amargas, das drogas mais poderosas, das ideias mais insanas, dos pensamentos mais complexos, dos sentimentos mais fortes... tenho um apetite voraz e os delírios mais loucos.

Flávia:

Você pode até me empurrar de um penhasco que eu vou dizer: E daí? Eu adoro voar! Não me dêem fórmulas certas, porque eu não espero acertar sempre. Não me mostrem o que esperam de mim, porque vou seguir meu coração.

Salete:

Não me façam ser quem não sou. Não me convidem a ser igual, porque sinceramente sou diferente. Não sei amar pela metade. Não sei viver de mentira. Não sei voar de pés no chão.

Flávia:

Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma pra sempre”<sup>11</sup>.

### **Cena 8: Os quatro elementos**

Gus:

“O combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres (...). Lembrar-se sempre do dito de Heráclito, que morte de terra é tornar-se água, morte de água é tornar-se ar, de ar fogo, [de fogo ar, de ar água, e de água, tornar-se terra]”<sup>12</sup>.

### **Cena 9: A Lei**

Salete:

“Toda ciência temerária dos homens não é superior ao conhecimento imediato que eu posso ter de meu ser. Eu sou o único juiz do que está em mim (...).

Leandro:

Não é por amor à humanidade que você delira, é pela tradição da imbecilidade. Sua ignorância do que é um ser humano só é igual à tolice que te limita.

Flávia:

Eu faço votos que sua lei recaia sobre seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos e toda sua posteridade. E agora engula tua lei.

Judson:

Deixemos que os perdidos se percam: temos mais o que fazer que tentar uma recuperação impossível e ademais inútil, odiosa e prejudicial. Enquanto não conseguirmos suprimir qualquer uma das causas do desespero humano,

não teremos o direito de tentar a supressão dos meios pelos quais o homem tenta se livrar do desespero.

Mayara:

O inferno já é deste mundo e há homens que são desgraçados, fugitivos do inferno, foragidos destinados a recomeçar eternamente sua fuga (...).

Leandro:

Há homens que sempre se perderão. Pouco importa os meios para perder-se: a sociedade nada tem a ver com isso (...). Ela nada pode, ela perde seu tempo, ela apenas insiste em arraigar-se na sua estupidez (...).

Todos:

Por enquanto, não nos suicidaremos. Esperando que nos deixem em paz”<sup>13</sup>.

## **Cena 10: História**

Salete, Sofia e Flávia (coro):

“Boa noite meu grande amor...”

Mayara:

“Desde 4 de outubro de 1830, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no parágrafo 7º da postura que regulamenta a venda de gêneros e remédios pelos boticários, estabelecia que:

Judson:

É proibida a venda e uso do pito de pango, bem como a conservação dele em casas públicas. Os contraventores serão multados em 20\$000 e os escravos e mais pessoas, que dele usarem, em três dias de cadeia.

Acácio

Observe-se a coincidência: a primeira lei mundial contra a maconha é promulgada no mesmo ano da morte da

mais famosa maconheira da nossa história: nossa ex-rainha Carlota Joaquina de Bourbon”<sup>14</sup>.

Sofia:

“A legislação sobre comércio de narcóticos (Lei 4294/1921) foi assim recebida pela cronista Crisanthème, pseudônimo da escritora Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, em uma de suas crônicas semanais publicadas no jornal *O País* do Rio de Janeiro, e em São Paulo pelo *Correio Paulistano* [Diz aí madame Crisanthème]:

Gus:

‘Uma lei benfazeja: Raia sobre nós a esperança de vermos afastado de nosso céu o terrível ciclone que ameaçava trucidar uma boa parte de nossa população. O uso da morfina e da cocaína entrara nos hábitos de nossa mocidade *chic*, que principiava a ingeri-las por simples curiosidade, por simples imitação aos tarados de outras terras e acabava avassalada pelo pavoroso vício que a estiolava, maltratava e assassinava”<sup>15</sup>.

Leandro:

“O capital compr[a] a força de trabalho do indivíduo livre, que, além de vendê-la, vendia a si mesmo, sua mulher, e seus filhos. [O capital] é ao mesmo tempo individualista e autoritário.

Flávia:

As altas taxas de mortalidade infantil, [na Europa, no final do século XIX] deviam-se, principalmente, ao fato de as mães trabalharem fora de casa. Esse desleixo se revela[va] na alimentação inadequada ou insuficiente e no emprego de narcóticos.

Judson:

(...) Além disso, as mães (...) se torna[va]m estranhas aos próprios filhos, e intencionalmente os deixa[va]m morrer de fome ou os envenena[va]m”<sup>16</sup>.

Lili:

“Além dos escritores, figuras políticas, advogados e nobres, operários ingleses e mulheres que trabalhavam em ateliês franceses e austríacos tomavam e comiam, diariamente, derivados do ópio. O láudano era ministrado por mães e enfermeiras às crianças agitadas, recebendo o nome de ‘benção de mãe’<sup>17</sup>.

Gus:

“Caro Sr. Steve Jobs  
Alô [aqui é] Albert Hofmann, grande inventor do LSD, em meu aniversário de 101 anos. Eu tomei conhecimento por relatos da mídia que você considera que o LSD te ajudou criativamente no desenvolvimento dos computadores da Apple e em tua busca espiritual. Estou interessado em saber mais sobre como o LSD foi útil para você”<sup>18</sup>.

Lili:

“Hassan Sabá introduziu o Cannabis em seu bando (...). A rapidez e o júbilo com que matavam seus inimigos cristãos fizeram da seita o mais temido bando de degoladores na Pérsia e na Síria. Como foi Hassan quem difundiu o Cannabis, este se tornou conhecido como haxixe, ou seja, dádiva de Hassan.

Judson:

E como os homens de Hassan geralmente estavam ‘altos’ de haxixe, tornaram-se conhecidos como ‘os homens sob a influência do haxixe’, ou em árabe, no singular *hashshashin*. A palavra sobrevive até hoje em várias formas e em várias línguas, inclusive o inglês *assassin* [ou o português *assassino*], com suas desagradáveis conotações”<sup>19</sup>.

## Cena 11: Medicalização

Leandro:

“O ‘problema de nervos’ surgiu como tema de estudo durante inquérito de morbidade referida, quando foram entrevis-

## drogas-nocauté 2

tados 93 adultos, lavradores, em 25 comunidades rurais da região serrana do Estado do Espírito Santo, Brasil, sobre os problemas de saúde nas últimas 48h.

Salete:

Tenho excesso de trabalho... Tomo remédio pra nervo... Eu tomo o Lexpiride (...).

Lili:

Tenho esgotamento, problema de nervo. Eu trabalho, mas se puxar muito num dia, no outro não valho mais nada. Sinto o corpo pesado, machucado. Cansaço no corpo... O médico falou que é nervo. Se ficar sem o Valium (10 mg.) de tarde me ataca os nervos demais., não passo sem não (...).

Salete:

Eu me dei com o remédio. O médico mesmo me disse: pode ir tomando ou parando de tomar por sua conta. Quando estiver atacada, volta a tomar. [Improvisação sobre a obrigatoriedade de receitas médicas e funcionamento de postos de saúde]

Mayara:

A última vez que fui [ao médico] já tem dois anos e ele falou: Você se dando com o remédio não precisa vir mais, não precisa trocar.

Gus:

O que nós [eu e a patroa] já tomou de remédio pra nervo dava pra encher uma picape... (...).

Sofia:

Sarar não sara... Só fica mais ou menos com o remédio. Sempre volta [o problema] e tem que comprar outra vez (...). Resolve, mas não pode parar nunca com os remédios.

Acácio:

Pobrema de nervo... Pobrema de cérebro. Eu tenho uma bolsa cheinha de capas de remédio de nervo que eu tomo

toda noite. Não durmo de noite, fica aquilo nervoso, começo a gritar... Se eu ficar sem o remédio fico bambo, leve da ideia. Agora, o remédio me enfraquece, tô fraquinhozinho”<sup>20</sup>.

Gus:

Lá no canavial, agora nós fuma crack.

Leandro:

“Há quase vinte anos, acompanho estarecido a crescente marcha da nova frenologia dos distúrbios mentais. Especificamente, o desenvolvimento do que parte dos psiquiatras e neuropsicólogos denominam de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, o TDAH. (...)

Mayara:

Programas de difusão e tratamento do TDAH vêm sendo criados, tendo como premissa que a hiperatividade infantil é uma doença orgânica e que precisa ser medicada (...).

Flávia:

As empresas Jansen-Cilag, Elli Lilly, Novartis e GlaxoSmithKline, que comercializam os medicamentos Concerta, Straterra, Ritalina e Dexedrina (...), financiam as pesquisas clínicas de associações que afirmam seguir, dentre os valores que norteiam seus programas, a ética na pesquisa e universalização dos conhecimentos”<sup>21</sup>.

Sofia:

“Estas drogas, usadas especialmente no tratamento de TDAH, são utilizadas com a finalidade de melhorar a capacidade cognitiva de estudantes e pesquisadores. Trazem, segundo os cientistas, um problema especial: seu efeito de longo prazo (que se diz ainda desconhecido) e uma possível concorrência desleal entre os estudantes [e pesquisadores] que usam e os que não usam. Em suma: capitalismo, competição e competência!”<sup>22</sup>.



Acácio:

“As portas se abrem para novas modalidades de denúncia. O currículo Lattes do seu colega está engordando e os pontos da carreira dele estão ultrapassando os seus? Ele pode estar usando drogas para acelerar a capacidade cognitiva, enquanto você fica no cafezinho. Nem todos são neuroéticos como você”<sup>23</sup>.

Lili:

“O governo da Grã-Bretanha anunciou sua intenção de aumentar o número de castrações químicas (tratamento com drogas inibidoras da libido) para pessoas que tenham cometido algum crime sexual (...). Para a melhor defesa da sociedade esta castração química deverá ser consentida pelo *libidinoso*. Opa!”<sup>24</sup>.

Leandro:

“A vida produtiva neoliberal exige provas, comprovações, certificações, prêmios, reconhecimentos aos mais simples empregados e aos mais refinados cientistas e artistas.

Sofia:

Surpresa, a mídia científica denuncia que os cérebros estão se dopando. Medicada desde criança anuncia-se uma geração de amantes do emprego, do salário, da disposição a participar de qualquer convocação. Democratas, dopadas e produtivas, essas pessoas dão corpo ao atual conformismo”<sup>25</sup>.

Judson:

“O discurso neurobiológico afirm[a] que é no córtex pré-frontal que se situa o órgão moral, subsidiando pesquisas recentes para instituir o que vem sendo chamado na área de ponta a neurociência a ciência da moral.

Leandro:

Mais uma vez a psiquiatria segue como operadora de mediações para uma nova linguagem. Nenhuma ciência ou conhecimento é neutro.

Salete:

Ninguém pesquisa apartado do modo como toca na própria vida”<sup>26</sup>.

## Cena 12: Cigarro

Judson:

“Cidade de Hamburgo, Alemanha, Segunda Guerra Mundial. No meio de uma madrugada o escritor João Guimarães Rosa desperta com uma vontade imensa de fumar e nota que seu maço havia acabado. Sai e anda, inúmeras, infundáveis quadras para conseguir cigarro. Ao encontrá-lo já fuma um ali mesmo. Ao retornar para casa, depara-se com os escombros do prédio onde morava. Ele fora bombardeado e todos que ali residiam estavam mortos. Os anos se passaram; Guimarães Rosa jamais deixou de fumar. E toda vez que alguém o advertia ou o repreendia dizendo que ele ainda morreria deste vício, Rosa divertido e lépido respondia: Foi um cigarro que salvou a minha vida”<sup>27</sup>.

## Cena 13: Álcool

Acácio:

“Acho que beber é uma questão de quantidade, por isso não há equivalente com a comida (...). A bebida é uma questão... Entendo que não se bebe qualquer coisa. Quem bebe tem sua bebida favorita, mas é nesse âmbito que ele entende a quantidade.

Gus:

Zomba-se muito dos drogados, ou dos alcoólatras [meu caro Gilles Deleuze], porque eles dizem: ‘Eu controlo, paro de beber quando quiser’. Zombam deles, porque não se entende o que querem dizer (...).

Acácio:

Quando se bebe, se quer chegar ao último copo. Beber é, literalmente, fazer tudo para chegar ao último copo. É isso que interessa (...). Eu tive a sensação de que isso me ajudava a fazer conceitos, é estranho, a fazer conceitos filosóficos. Ajudava, depois percebi que já não ajudava, que me punha em perigo, não tinha vontade de trabalhar se bebesse. Então se deve parar. É simples”<sup>28</sup>.

### Cena 14: Cronópio

Sofia:

“Agora acontece que as tartarugas são as grandes admiradoras da velocidade, como é natural (...). Os cronópios sabem e cada vez que encontram uma tartaruga, puxam a caixa de giz colorido e na lousa redonda da tartaruga desenhavam uma andorinha”<sup>29</sup>.

### Cena 15: O eterno retorno

Gus:

“Diz o Corpus hipocrático que ‘são drogas as substâncias que atuam esfriando, aquecendo, secando, umedecendo, contraindo, relaxando ou fazendo dormir’. No entanto, para chegar a uma definição tão secularizada os gregos percorreram um longo caminho. Na *Odisséia*, quando Helena serviu o *nepenthes*, diz o poeta que ‘a mistura de alguns fármacos é saudável e a de outros, mortal’.

Lili:

*Phármakon* é remédio e tóxico; não uma coisa *ou* outra, mas as duas (...). Ao mesmo tempo, drogas são também os filtros das feiticeiras, assim como o conjunto da matéria médica vegetal. Lendo com atenção a Teofrasto se nota que a origem deste conceito [de *phármakon*] provém das

insuficiências detectadas na ideia da planta toda-benéfica (*panakéia*) e da planta toda-maléfica (*strychnos*).

Salete:

O grego compreendeu que certas substâncias participam de ambos os estatutos, de modo que não cabia considerá-las só benignas ou só danosas. Daí que em Homero a mesma palavra nomeie tanto as poções benéficas de Helena e Agamede, quanto as misturas malignas de Circe.

Flávia:

A toxicidade de um fármaco é a proporção concreta entre dose ativa e dose letal; por isso nenhuma propriamente dita pertence ao inócuo ou apenas ao curativo. Como dirá muito mais tarde Paracelso, *sola dosis facit venenum* [apenas a dose faz o veneno]<sup>30</sup>.

Leandro:

“Baudelaire praticamente encerrou qualquer debate sobre a imaginação estimulada ou não do artista sob o efeito de drogas ao alertar que elas só produzem estados de espírito interessantes em pessoas interessantes, porque imaginações grosseiras produzem visões grosseiras”<sup>31</sup>.

Sofia:

“Cães ladram contra o que eles não conhecem”<sup>32</sup>.

## Cena 16: Nocaute?!

Gus:

Porra meu, já não sei se esta é primeira vez, a quarta? É um quarto no quarto andar? Por que me deixam aqui sozinho, sem ao menos um quarto de LSD? (Pausa) Sem você! (Pausa) Você gostou quando eu trouxe felicidade no meio da ditadura? (Pausa) Eu tentei ser comum. Eu quero... Arranjar emprego, sem LSD. Vou abandonar a construção de minha espaçonave.

Acácio:

Eu nem sei mais se aguentarei tanta solidão. De que vale querer mudar o mundo, quando ele não muda? Devo permanecer mudo gritando contra tudo? Derrubar hierarquias, muros, abrir o mar. Eles não entendem; me prendem, me medicam, me calam. Não uso drogas, não bebo, nem fumo. (Pausa) Até quando ficarei neste falanstério? Isso é um falanstério?

Gus:

É preciso voar.

Acácio:

Voar é para o pássaro.

Gus:

Viajar.

Acácio:

Não me mascaro.

Gus:

Meu corpo trespassado.

Acácio:

Dormir e não sonhar.

Gus:

Um lampião apagado.

Acácio:

Andar sem parar.

Gus:

Voar. Não serei seu prisioneiro.

*Elenco canta com Mutantes, "A balada do louco" e sai pela plateia*

**FIM**

## Notas

<sup>1</sup> Aula-teatro 15 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Aline Santana, Ana Salles, Andre Degenszjan, Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti, Eliane K. Carvalho, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Maurício Freitas, Salete Oliveira, Thiago Rodrigues. Com: Acácio Augusto, Eliane K. Carvalho (Lili), Flávia Lucchesi, Gustavo Simões (Gus), Judson Cabral (convidado), Leandro Siqueira, Mayara de Martini Cabeleira, Salete Oliveira e Sofia Osório. Produção gráfica: Andre Degenszjain. Operadora de luz: Helena Wilke. Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Violão e música incidental: Wander Wilson Chaves Jr. (convidado). Ambientação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> Errico Malatesta. “Uma proposição que não será aceita” in Edson Passetti. *Das fumeries ao narcotráfico*. Tradução de Dorothea V. Passetti. São Paulo, Educ, 1991, pp. 145-146.

<sup>3</sup> Monteiro Lobato. *Reinações de Narizinho*. São Paulo, Brasiliense, 1959, pp. 248-249.

<sup>4</sup> Dalton Trevisan. *O maníaco do olho verde*. Rio de Janeiro, Record, 2008, pp. 7-11.

<sup>5</sup> William Burroughs. *Cartas do yage*. Tradução de Bettina Becker. Porto Alegre, LP&M, 2008, pp.60-65.

<sup>6</sup> André Sant’Anna. *Sexo*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2001, pp. 75-76.

<sup>7</sup> Antonin Artaud. “Bar” in *Revista Libertárias*, nº 2. Tradução de Martha Gambini, 1997, p. 80.

<sup>8</sup> Fernando Pessoa. “Tabacaria” in *Obra poética*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1987, p. 300.

<sup>9</sup> André Sant’Anna. “Bird e algo” in *Inverdades*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009, pp. 35-36.

<sup>10</sup> Michel Foucault. “Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política” in *verve*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. São Paulo, Nu-Sol, v. 5, 2004, pp. 264-265.

<sup>11</sup> Este texto é geralmente atribuído a Clarice Lispector. Embora o encontremos em diversos endereços eletrônicos com sua assinatura, não há referência confiável de que seja de sua autoria.

- <sup>12</sup> Heráclito de Éfeso. *Os pré-socráticos*. Tradução de José Cavalcante de Souza et alli. São Paulo, Nova Cultural, 1999, pp. 93 e 95.
- <sup>13</sup> Antonin Artaud. “Segurança pública – a liquidação do ópio” in *Escritos de Antonin Artaud*. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983, pp. 23-26.
- <sup>14</sup> Luiz Mott. “A maconha na História do Brasil” in Anthony Henman e Oswaldo Pessoa Júnior (orgs.). *Diamba Sarabamba*. São Paulo, Ground, 1986, p. 131.
- <sup>15</sup> Beatriz Scigliano Carneiro. *Vestígios dos venenos elegantes*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PEPG Ciências Sociais/PUC-SP, 1993, pp. 140-141.
- <sup>16</sup> Edson Passetti. *Das fumeries ao narcotráfico*. São Paulo, Educ, 1991, pp. 59-60.
- <sup>17</sup> Idem, p. 18.
- <sup>18</sup> Albert Hofmann. *Dear Steve*. Tradução de Beatriz Scigliano Carneiro. Disponível em: <http://www.tinyurl.com/mevv78> (acesso em: 12/03/2010).
- <sup>19</sup> John Cashman. *LSD*. Tradução de Miriam Schnaiderman. São Paulo, Editora Perspectiva, 1980, pp. 22-23.
- <sup>20</sup> Brani Rosemberg. “O consumo de calmantes e o ‘problema de nervos’ entre lavradores” in *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 28, n. 4, 1994, pp. 300-308. Disponível em: [http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101994000400010](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101994000400010) (acesso em: 27/01/2010).
- <sup>21</sup> Mônica Lavoyer Escudeiro. “A medicalização da infância: um mercado em expansão” in *Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPLAC)*. Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia da UFRJ, 2007. Disponível em: [http://nipi.ac.psicologia.ufrj.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=93:a-medicalizacao-da-infancia-um-mercado-em-expansao&catid=20:artigos-publicados-no-site&Itemid=28](http://nipi.ac.psicologia.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=93:a-medicalizacao-da-infancia-um-mercado-em-expansao&catid=20:artigos-publicados-no-site&Itemid=28) (acesso em: 27/01/2010).
- <sup>22</sup> Nu-Sol. “Dopping mental” in *Flecheira Libertária 87*. São Paulo, 2008.
- <sup>23</sup> Nu-Sol. “Neuroética” in *Flecheira Libertária 87*. São Paulo, 2008.
- <sup>24</sup> Nu-Sol. “Quase laranja mecânica” in *Flecheira Libertária 19*. São Paulo, 2007.
- <sup>25</sup> Nu-Sol. “Dopadas” in *Flecheira Libertária 59*. São Paulo, 2008.

- <sup>26</sup> Salete Oliveira. “Psiquiatrização da ordem e abolicionismo penal: neurociências, psiquiatria e direito” in *Revista ponto-e-vírgula*. São Paulo, PEPG Ciências Sociais/PUC-SP, n. 4, 2008, pp. 09-10.
- <sup>27</sup> Nu-Sol. “Brevíssima história” in *Flecheira Libertária* 106. São Paulo, 2009.
- <sup>28</sup> Gilles Deleuze. “Letra B de beber” in *Abecedário*. Disponível em: [http://br.geocities.com/polis\\_contemp/deleuze\\_abc.html#beber](http://br.geocities.com/polis_contemp/deleuze_abc.html#beber) (acesso em: 12/03/2010).
- <sup>29</sup> Julio Cortázar. *História de cronópios e de famas*. Tradução de Gloria Rodríguez. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, p. 157.
- <sup>30</sup> Antonio Escotado. *Historia de las drogas*, vol. 1. Madrid, Alianza Editorial, 1998, p. 137.
- <sup>31</sup> Edson Passetti. *Das fumeries ao narcotráfico*. São Paulo, Educ, 1991, p. 89.
- <sup>32</sup> Heráclito de Éfeso, 1999, op. cit., p. 98..

## ***Drugs-knockout 2, Edson Passetti & Acácio Augusto.***





**12 e 13 de maio  
19h30**

**Tucarena, PUC-SP**  
[R. Monte Alegre, 1024]

*Retirada de ingressos gratuitos às 18h30*



[www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org)